



**“ORAÇÕES PARA BOBBY”: QUANDO O PRECONCEITO FAZ A VÍTIMA
ADOECER**

“PRAYERS FOR BOBBY”: WHEN PREJUDICE MAKES THE VICTIM SICK

📍 Felipe Brito Fernandes

Graduado em Psicologia (Faculdade Anhanguera SJC)
Contato: psico.felipebrito@gmail.com

📍 Giovani Anselmo M. Pelógia

Graduado em Psicologia (Faculdade Anhanguera SJC)
Contato: psico.giovanipelogia@gmail.com

📍 Paulo Sérgio Rodrigues de Paula

Doutor em Ciências Humanas (UFSC/Université de Reims Champagne-Ardenne), Mestre em Psicologia (UFSC), Psicólogo (UNESP), Professor Permanente do Programa de Mestrado e Doutorado em Psicologia Educacional (UNIFIEO-Osasco/SP) e Professor Colaborador da Faculdade de Gestão Woli (FGW- Araxá/MG)
Contato: sergiorodrigues@gmail.com



RESUMO

Este artigo tem como objetivo de analisar o filme “Orações Para Bobby” de 2009, dirigido por Russell Mulcahy sob enfoque da Teoria do Estresse de Minorias proposta por Meyers. A metodologia utilizada foi análise fílmica de conteúdo, consistindo na separação e escolha de cenas do filme que contribuam com a análise da temática do referido. Para tanto, dividiu-se a análise em quatro cenas, a primeira se refere ao estressor identificado como experiência de vitimização, a segunda, por sua vez, ao estressor homofobia internalizada, em seguida o terceiro, ao estressor de ocultação da orientação sexual, por último, descreve-se a cena de suicídio como consequência do estresse vivenciado pelo protagonista da obra cinematográfica. Concluiu-se que ao longo do filme é possível verificar que o Estresse de Minorias ocorre não pela pessoa simplesmente pertencer a um grupo minoritário, culpabilizando a vítima por seu sofrimento, mas sim à uma sociedade que apresenta uma série de estigmas sociais direcionados a pessoas que não são heterossexuais.

Palavras-chaves: Orações Para Bobby; Estresse de Minorias; Suicídio.

ABSTRACT

This article aims to analyze the movie “Prayers for Bobby” (2009), directed by Russell Mulcahy under the focus of Meyers' Theory of Minority Stress. The methodology used was filmed content analysis, consisting of the separation and choice of scenes of the film that contribute to the analysis of the theme of the movie. Therefore, the analysis was divided into four scenes, the first refers to the stressor identified as an experience of victimization, the second, in turn, to the internalized homophobia stressor, then the third, the stressor of concealment of sexual orientation. Lastly describes the scene of suicide as a consequence of the stress experienced by the protagonist of the cinematographic work. It was concluded that throughout the film it is possible to verify that Minority Stress occurs not because the person simply belongs to a minority group, blaming the victim for her suffering, but rather to a society that presents a series of social stigmas directed at people who are not heterosexual.

Keywords: Prayers for Bobby; Minority Stress; Suicide.



1 INTRODUÇÃO: ESTRESSE DE MINORIAS

A Teoria do Estresse de Minorias (EM) criada por Meyers (2003), considera que os níveis de estresse vivenciados por pessoas LGB² (Lésbicas, Gays e Bissexuais) não se dá ao fato de serem LGB, mas ao estigma social relacionado à orientação sexual. Isto é, o que torna LGBs como grupo vulnerável não é a orientação sexual destes, mas o estigma social relacionado a ela.

Nesse sentido, a EM destaca que, para além dos estressores sociais cotidianos, pessoas LGB enfrentam estressores específicos à sua condição de minoria social, são eles: 1) experiência de vitimização; 2) homofobia internalizada; 3) ocultação da orientação sexual. Estes estressores, quando não manejadas de forma adequada, influenciam em quadros de saúde mental negativos, como ansiedade, depressão e ideação suicida (MEYERS, 2003).

A Experiência de Vitimização pode ser compreendida, de acordo com Paveltchuk (2018), como qualquer forma de violência e rejeição relacionado à orientação sexual. Já a Homofobia Internalizada pode ser compreendida pelo referencial estigmatizado que o indivíduo tem sobre sua orientação sexual. E, por último, a Ocultação da Orientação Sexual se refere ao fato da pessoa LGB não aceitar ou revelar sua orientação sexual para si ou aos outros.

Meyers (2003) também aponta para o fato da vigilância de pessoas LGB em relação ao estigma imposto ou experiência de vitimização, como sendo o mecanismo de enfrentamento negativo, favorecendo o desenvolvimento de ansiedade proeminente de uma preocupação em ser vitimado por virtude de sua orientação sexual, quanto maior o estigma percebido, maior será a vigilância para que não seja alvo de estigma.

A autora ainda aponta a importância da psicoterapia como método de tratamento que possibilitará a pessoa LGB expressar suas emoções referentes a si e sua orientação sexual, tal qual a diminuição do estigma percebido, deste modo, diminuindo também o sofrimento psíquico referente à vitimização, homofobia internalizada e ocultação da orientação sexual.

2 METODOLOGIA

² O Manual de Comunicação LGBT (2015) recomende o uso da sigla LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), entretanto, por uma questão metodológica optou-se pelo uso da sigla LGB ao longo deste artigo, uma vez que os estressores sistematizados, e aqui analisados e de acordo com o referencial teórico correspondem exclusivamente à pessoas lésbicas, gays e bissexuais.



A metodologia utilizada neste trabalho é a análise filmica de conteúdo. De acordo com Penafria (2009), a análise de conteúdo compreende o filme como relato que leva em consideração a temática abordada nele. Nesse sentido, é necessária a desfragmentação do filme em cenas, depois análise das cenas específicas que configurem a temática a ser abordada de acordo com a apresentada na obra cinematográfica.

Para tanto, considerando a EM, foram separadas 4 cenas, uma para analisar cada um dos estressores: Experiência de vitimização, Homofobia Internalizada e Ocultação da Orientação sexual; e uma última que considere o suicídio como consequência do manejo inadequado do EM vivenciado pelo protagonista. Para além da análise sob a ótica da Teoria do Estresse de Minorias, também complementa com dados a respeito do índice de suicídio de pessoas LGBTQs, bem como resoluções acerca do tratamento psicológico referente a reorientação sexual, a fim de tornar a análise mais próxima da realidade brasileira atual.

3 ORAÇÕES PARA BOBBY: AS CONSEQUÊNCIAS SEVERAS DO ESTIGMA

Orações Para Bobby é um filme norte-americano de 2009 baseado em fatos reais e inspirado no livro que leva o mesmo título. Mary Griffith (Sigourney Weaver) é uma mulher que segue rigidamente os preceitos religiosos cristãos, criando seus quatro filhos sob a ótica da moralidade religiosa, dentre eles Bobby Griffith (Ryan Jonathan Kelley) que, envolto a atmosfera religiosa de sua criação, se descobre homossexual.

Da angústia da descoberta de sua orientação sexual, até o momento em que seus familiares descobrem que é homossexual, Bobby enfrenta diversos tipos de violências, desde xingamentos, até invisibilização por parte de seus familiares, terapias de conversão sexual e métodos religiosos para “se curar” do “pecado” da homossexualidade, proposto por sua mãe, Mary.

Entretanto, ao percorrer essas diversas tentativas de reorientação sexual, Bobby compreende que o seu desejo por pessoas do mesmo gênero não é algo ao qual pudesse escolher e/ou modificar, nesse momento é fundamental o papel da prima Jeanette (Rebecca Louise Miller) que, não somente demonstra apoio e compreensão a dor de Bobby, mas oferece a ele um local para morar em Portland, caso seja necessário.

Depois de passar alguns dias com a prima em Portland, Bobby se envolve em um romance com David (Scott Bailey), amigo de sua prima e, ao desabafar com o mesmo contando toda sua problemática com a família envolvendo sua orientação sexual, Bobby decide seguir o que seu namorado fizera com os pais: dar a eles um ultimato, ou o aceitariam da maneira que



ele é ou o esqueceriam, então Mary diz não querer ter um filho homossexual, fazendo com que Bobby não tenha outra escolha a não ser sair definitivamente da casa de seus pais.

Agora vivendo em Portland, Bobby se vê envolto da liberdade e também da solidão por não contar com o apoio dos pais, e todo o clima de perseguição e rejeição dos pais se tornam presentes em seu cotidiano, mesclado com o sentimento de dor ao presenciar a traição de David, Bobby decide tirar sua própria vida aos 20 anos de idade em 1983.

Com a notícia de suicídio de Bobby, Mary trava uma luta que se inicia com o medo de que o filho tenha morrido como um pecador, desta vez por ser homossexual e também por ter cometido suicídio e termina sendo uma das pioneiras na luta contra a LGBTfobia e Direitos Humanos nos Estados Unidos, finalmente compreendendo que não havia nada de errado em seu filho ser homossexual.

3.1 Cena 1 – Experiência de Vitimização (21:13 – 21:58)

A cena se inicia logo após Bobby ter uma reunião com outros jovens na igreja, onde é mencionado a importância do sacrifício para conseguir a salvação. Em seguida, Bobby está correndo em um bosque, quando a cena é cortada para ele em sua casa, escrevendo em seu diário enquanto passava na televisão um filme com uma cena apaixonada de um casal heterossexual: “Nada que eu faça parece ter diferença. Eu tento agir como eles, mas isso parece impossível. É uma sensação horrível acreditar que você pode ser jogado nas chamas do inferno. Ou pior, todos dizendo para você como a solução é simples. Eles não sabem o que é estar na minha pele!”

De acordo com a fala de Bobby é possível identificar seu sofrimento em decorrência da vitimização oriunda das tentativas dos familiares, especialmente da mãe, de “curá-lo” através de artifícios religiosos impondo, desta forma, que ser homossexual, além de ser visto de forma negativa, é, também, uma doença capaz de ser curada trazendo à heterossexualidade caráter universalizante, como sendo a única manifestação da sexualidade possível. Essa cena poderia também ser enquadrada no viés do estressor de ocultação da orientação sexual, haja visto que é possível notar o esforço de Bobby para ser como eles, isto é, ser heterossexual e não homossexual, demonstrando a complexidade com que os fatores estressores presentes no Estresse de Minoria são apresentados.

Para Paveltchuk (2018), um dos meios pelos quais é possível que haja a redução do impacto negativo do EM, é a interação com seus pares, na medida em que o suporte social é fundamental para eliminação da homofobia internalizada. Entretanto, ao longo do filme Bobby,



forçadamente destinado a enfrentar processos de “cura” da sua orientação sexual, pouco se envolveu com seus pares e, quando inicia um namoro, a revelação da orientação sexual pode ser também um fator desencadeante de outros estressores da EM, como será apresentado na análise da cena 3 – ocultação da orientação sexual.

3.2 Cena 2 – Homofobia Internalizada (07:32 – 08:25)

Nesta cena Bobby conversa com seu irmão mais velho Ed (Austin Nichols) enquanto caminham sob os trilhos de uma ferrovia, a respeito da mãe dos dois encararem um possível pecado como algo que pudesse fragilizar a família de alguma forma. A seguir, é descrito a fala entre os personagens:

Bobby: Acho que tem alguma coisa errada comigo.

Ed: Com certeza tem!

Bobby: O que acha que a mamãe faria se descobrisse que um de nós era psicopata?

Ed: Como assim “se”?

Bobby: Sabe, ela está sempre dizendo que a família toda vai ficar junta na vida após a morte. Bom, e se um de nós for pecador?

Ed: Se você pecou com a Michele, eu prometo que eu não conto nada.

Bobby: Não, não é isso. Eu só estou pensando em umas coisas.

Ed: Você pensa demais. Isso é perigoso, é por isso que eu evito ao máximo pensar.

Bobby: É. Que bom que a gente conversou.

Ed: Agora sério, tem alguma coisa? Alguma coisa errada?

Bobby: Não.

Ed: Olha, você sabe... Eu sou seu irmão mais velho, eu tenho que cuidar de você.

Nessa cena é possível identificar que Bobby, ao indagar o irmão a respeito da aceitabilidade da mãe caso um dos filhos fosse psicopata, isto é, pecador, está, na realidade, considerando que a própria orientação sexual como algo tão cruel e pecaminoso quanto à psicopatia, trazendo sérios prejuízos para sua autoimagem.

Curiosamente, é possível fazer um paralelo com o que ocorrera décadas anteriores ao suicídio de Bobby quando, de acordo com Lawrenz (2017), as primeiras versões do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), produzidos pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) consideravam a homossexualidade, na época, com a nomenclatura “homossexualismo”, entre os anos de 1952 a 1968, como um Transtorno de Personalidade e em seguida passando para a classificação de Transtorno de Identidade Sexual.



Logo, não fossem os dogmas religiosos impostos pela família, Bobby possivelmente também tenderia a ter uma autoimagem negativa, através do estressor de homofobia internalizada, desta vez também reforçado pelo discurso médico psiquiátrico vigente. Isso porque, como aponta Pereira (2017) somente em 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira a homossexualidade do Catálogo Internacional de Doenças (CID).

Já aqui no Brasil, somente em 1999 o Conselho Federal de Psicologia publica a Resolução N° 001/1999 que estabelece normas de atuação para psicólogos em relação à questão da orientação sexual, no qual “Art. 3° - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados” (CFP, 1999).

3.3 Cena 3 – Ocultação da Orientação Sexual (39:50 – 41:10)

Durante o jantar em família, após Bobby retornar de Portland, ele menciona para seus familiares que conheceu David e que está gostando dele, nesse momento a Mary subitamente sai da sala em desaprovação. A cena continua na cozinha com Mary se esquivando do assunto comentando sobre a escola com Bobby, mas ele insiste e menciona sobre os pontos positivos de David, seu namorado. E, em dado momento, desabafa com a mãe, dizendo o quanto é difícil, apesar de David ser um homem bom para ele, dar as mãos em público ou se beijar, caso isso acontecesse acredita que sairia correndo. A cena então termina com Bobby intimando a mãe a aceitá-lo ou esquecê-lo, e em resposta Mary diz que não tem um filho gay, Bobby por sua vez a responde afirmando que então ela não tem um filho e Mary termina confirmando, fazendo com que Bobby se mude para Portland.

Nesta cena pode-se observar que, apesar de viver em um relacionamento homoafetivo, Bobby ainda possui mecanismos pelos quais oculta sua orientação sexual com receio da violência social, devido ao intenso empenho da mãe em “curá-lo” de sua homossexualidade, compreendendo que ele mesmo seria o alvo da cura, ele era o pecador e o doente.

Isso ocorre porque, de acordo com Paveltchuk (2018), nem sempre quando um indivíduo LGB revela sua orientação sexual há a eliminação dos estressores, haja vista que, ao não ocultar sua orientação sexual Bobby estaria ainda mais vulnerável para experiências de vitimização e, temendo essas experiências, a depender do contexto pode tornar a ocultar sua orientação sexual.

3.4 Cena 4 – Suicídio (46:00 - 49:10)



Após um jantar com os pais de David, Bobby começa a perceber que a família que aceita e compreende a orientação sexual de seu namorado talvez nunca pudesse ser a sua. Angustiado, Bobby começa a se recordar dos momentos estressores que vivenciou com a família e tenta ligar para o namorado na tentativa de expressar seus sentimentos, mas sem sucesso decide dirigir pela cidade e encontra seu namorado saindo de um clube com outro homem. Nesse momento Bobby se recorda de todos estressores vivenciados, os quais não foram incluídos nesta análise afim de evitar que se tornasse repetitiva, como a visita à psiquiatra que propusera tratamento, namoro forçado com uma garota da escola, diversos bilhetes espalhados pela casa com versículos bíblicos, humilhação dos amigos LGB por parte da mãe, dentre outras; então Bobby para seu carro, desce e a última cena que vem em sua memória antes de se jogar da ponte e se suicidar é de sua mãe dizendo que não terá um filho gay.

A cena acima é corroborada pela pesquisa de Ryan *et al.* (2009) que encontrou maiores índices de suicídio e depressão em jovens LGB que também manifestaram altos índices de rejeição familiar quando comparados à jovens LGB que apresentaram menores índices de rejeição.

No Brasil os dados sobre suicídio da população LGBT são alarmantes. De acordo com o último relatório publicado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB) realizado em 2018, apoiados na revista científica *Pediatrics*, os LGBTs têm 6 vezes mais chance de tirar a própria vida, em relação a heterossexuais; com risco de 20% maior de suicídio quando convivendo em ambientes hostis à sua orientação sexual ou identidade de gênero.

No ano de 2019, entre janeiro a maio, o GGB realizou um relatório parcial em ocasião do Dia Internacional Contra a Homofobia, a respeito dos assassinatos e suicídios de LGBTs ocorridos no Brasil, onde obteve-se o resultado de 141 mortes de LGBTs, sendo 126 homicídios e 15 suicídios em decorrência da LGBTfobia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, são notáveis as consequências negativas para saúde mental de jovens LGB quando não manejado de maneira adequada os estressores que compõe a EM. O protagonista do filme enfrentou todos os estressores da Teoria do Estresse de Minorias e não teve mecanismos para lidar com estes de forma a reduzir os impactos negativos para sua saúde mental, o que, em seu caso, culminou em suicídio.

É preciso salientar também que ao longo do filme é possível verificar que o Estresse de Minoria ocorre não pela pessoa simplesmente pertencer a um grupo minoritário culpabilizando



a vítima por seu sofrimento, mas sim à uma sociedade que apresenta uma série de estigmas sociais para pessoas que não são heterossexuais.

Logo, pode-se compreender que a Teoria do Estresse de Minoria reforça a Resolução N. 01/1999 do Conselho Federal de Psicologia ao não considerar a homossexualidade como causadora do sofrimento da pessoa LGB, mas a vivência desta em uma sociedade que a estigmatiza, violenta e invisibiliza por ser quem é.

Referências

ABGLT, Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais. *Manual de Comunicação LGBT*. Ajir Artes Gráficas e Editora Ltda., 2015, 48 p. Disponível em: <https://bit.ly/3e6OsGX> . Acesso em 20 out. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP N. 001/1999*. Estabelece normas de atuação para psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Brasil, 1999.

LAWRENZ, Priscila. *Estresse de Minorias, Fatores Familiares e Saúde Mental em Homens Homossexuais*. 2017, 37 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/35K2IRZ>. Acesso em 19 out. 2019.

MEYERS, I. H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological bulletin*, v.129, n.5, p. 674-697, 2003. Disponível em: <https://bit.ly/2TwndfB>. Acesso em: 20 out. 2019.

ORAÇÕES PARA BOBBY. Direção de Russell Mulcahy. Estados Unidos: Lifetime: Original Movie, 2009. 1 DVD (1h30min).

PAVELTCHUK, Fernanda de Oliveira. *Estresse de Minorias e Saúde Mental em Pessoas LGB*. 2018, 99 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifca Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/34yNZKw>. Acesso em: 19 out. 2019.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes – conceitos e metodologia. *VI Congresso SOPCOM*, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa – Portugal, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/35Erza8>. Acesso em 21 out. 2019.

PEREIRA, Diogo Fagundes. Homossexualidade em Cena: da naturalidade ao preconceito. *Rev. Intinerarius Reflectionis*, v.13, n.2, p.1-19, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3oAIV1d>. Acesso em 22 out. 2019.

RYAN, C.; HUEBNER, D.; DIAZ, R. M.; SANCHEZ, J. Family rejection as a predictor of negative health outcomes in white and Latino lesbian, gay, and bisexual young adults. *Pediatrics*, v.123, n.1, p.346-352, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3oDWaxg>. Acesso em 22 out. 2019.